

O SUJEITO TRAVESTI NO AMBIENTE MIDIÁTICO⁶⁵

*Yvets Morales Medina (UFRGS)*⁶⁶

RESUMO

O texto problematiza o sujeito travesti como sujeito midiaticizado, atentando-se para os modos de representação e reconhecimento da população travesti no ambiente midiático. Assim, a partir da compreensão das gramáticas de produção e das gramáticas de reconhecimento, que são atualizadas nos campos social e comunicacional, buscamos refletir sobre o lugar de enunciação e de leitura do sujeito travesti na sociedade midiaticizada.

Palavras-chave:

Midiaticização. Sistemas midiáticos. Travestis.

RESUMEN

El texto problematiza el sujeto travesti como sujeto mediaticizado, poniendo atención sobre los modos de representación y reconocimiento de la población travesti en el ambiente mediático. Así, a partir de la comprensión de las gramáticas de producción y las gramáticas de reconocimiento que se actualizan en los campos social y comunicacional, buscamos reflexionar sobre el lugar de enunciación y de lectura del sujeto travesti en la sociedad mediaticizada.

Palabras-clave:

Mediatización. Sistemas mediáticos. Travestis.

1 Introdução

Pensar em sujeitos travestis que habitam sociedades em processo de midiaticização, ou sociedades midiaticizadas, leva-nos a repensar universos complexos que se constroem para além de corpos sexuados e de sistemas

⁶⁵ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

⁶⁶ Doutoranda no PPGCOM da Universidade Federal de Rio Grande do Sul - UFRGS. Mestra em Ciências da Comunicação-Processos Midiáticos pela UNISINOS/RS. Mestra em Comunicación y Educación pela Universidad Autónoma de Barcelona.

Gênero, sexualidade e identidades

hétero binários. Assim, realizamos encontros com sujeitos travestis atentando-nos para as formas como configuram identidades de gênero, sua relação com o campo social através de repensar, modificar e transgredir seus corpos, ao questionar o sistema normativo hétero binário – macho-fêmea, masculino-feminino – no qual a sociedade capitalista se normatiza e se organiza, para manter sua dinâmica de acumulação de capital e manutenção de um poder hegemônico, relegando às periferias todo aquele sujeito, ou grupo de sujeitos, “indisciplinados” que pretendem operar fora dessa normatividade. Neste caso, falamos das normas sexo-genéricas que regem a ordem e condicionam o comportamento, as identidades dos sujeitos de acordo com padrões, e a designação de papéis enquanto mulher ou homem. Desconhecendo assim, a possibilidade de outras diversidades, e colocando em uma dimensão de "anormalidade" tudo aquilo que se considera diferente.

Então, a que se denomina travesti? Para efeito deste trabalho compreendemos travesti como uma dimensão política de análise que supera o limite de uma etiqueta descritiva para nomear sujeitos que se configuram em contextos mediados. Estes sujeitos constroem sua identidade de gênero fora da norma hétero binária e se reconhecem na diversidade da diversidade sexo-genérica trans como "travestis". Elas geram uma distorção entre a correspondência do seu corpo sexuado e a identidade de gênero, isto é, se permitem transitar fora do esquema binário biológico masculino-feminino. Assim, por exemplo, pessoas do "sexo masculino" se representam com vestuários e códigos feminizados sem chegar a se identificarem como mulheres. Para Bento, “a transexualidade e o travestismo representam um perigo para a estabilidade das normas de gênero na medida em que reivindicam o gênero em discordância com o corpo sexuado”. (2011, p. 552).

Neste trabalho estamos problematizando os processos de mediação nos quais se encontram inseridos os sujeitos travestis, considerando que esses sujeitos respondem a processualidades sociais e são parte e/ou resultado de um sistema social mediado que lhes outorgou um lugar de subalternidade, tanto a nível social, político e econômico, como discursivo e simbólico com relação ao aparato hegemônico sexo-binário baseado na norma hétero binária. Nesse contexto, para compreender a mediação, citamos Fausto Neto:

A midiática se constitui a partir de formas e de operações sócio-técnicas, organizando-se e funcionando com base em dispositivos e operações constituídas de materialidades e de imaterialidades. Seus processos de materialidades se passam em cenas organizacionais/produzidas e em cenas discursivas. São em tais âmbitos que se realizam as possibilidades pelas quais a midiática pode afetar as características e funcionamentos de outras práticas socioinstitucionais. (FAUSTO NETO, 2006, p. 10).

Na compreensão da midiática é necessário reconhecer a importância que adquirem os sistemas midiáticos no funcionamento dos processos sociais, já que esses têm a possibilidade de afetar as práticas socioinstitucionais na cotidianidade, ocupando um lugar de centralidade, referência e transversalidade no campo social, como fonte de informação e de entretenimento, como fonte de construção de imaginários (MARTÍN-BARBERO, 2004 *apud* FAUSTO NETO, 2006). A população travesti não está contemplada nesse processo de midiática, já que os discursos gerados pela mídia atravessam as subjetividades destes grupos sociais e exercem pressão sobre a configuração de sua identidade sexo-genérica, a qual se materializa na modificação de seus corpos. A influência dos discursos midiáticos se pode observar quando seus referentes estéticos se encontram nos concursos de beleza, como Miss Universo e Miss Mundo, nas maneiras de nomear e serem nomeados através de nomes que habitam os personagens das telenovelas, na marginalização social e cultural quando seus corpos se expõem mutilados nas seções judiciais ou sensacionalistas dos meios de comunicação, ou na espetacularização de seus corpos e suas subjetividades quando uma personagem como Laerte Coutinho, de um reconhecido ilustrador, passa a ser uma travesti reconhecida. É aí que a lógica das mídias opera na subjetividade cotidiana dos sujeitos travestis mediante a reprodução de um discurso hegemônico baseado na regulação do sistema normativo hétero binário, através dos dispositivos de disciplinamento do poder, entre os quais se encontra os meios de comunicação.

Com esta análise não queremos cair em uma perspectiva funcionalista da mídia ou fazer dela a hegemonia do poder. Para além disso, a proposta é pensar, a partir da teoria da midiática, como as lógicas sociais interagem com as lógicas da mídia em dinâmicas complexas e dialéticas. Para Hjarvard:

Gênero, sexualidade e identidades

Por uma “lógica da mídia”, não nos referimos a uma lógica única ou unificada comum a todos os formatos de mídia; a lógica da mídia representa, aqui, uma simplificação conceitual do modus operandi institucional, estético e tecnológico da mídia, incluindo-se aí as formas pelas quais a mídia distribui recursos materiais e simbólicos assim como opera com a ajuda de regras formais e informais. (HJARVARD, 2015, p. 54).

Nesta ambiência midiaticizada, as populações travestis interagem com as lógicas das mídias em um contexto de marginalidade e marginalização, a partir de onde interpelam as condições de produção e de reconhecimento (VERÓN, 1993) para dar conta do processo de produção de sentido em condições de subalternização ao discurso de poder hétero normativo do sistema sexo-genérico homem-mulher. Mas quais são esses discursos que a população constrói? Para Verón “Qualquer que fosse o suporte material, o que chamamos um discurso ou um conjunto discursivo não é outra coisa senão uma configuração espaço-temporal de sentido” (1993, p. 127). Então, compreende-se o corpo como um dispositivo discursivo que produz sentido e materializa as estratégias de disciplinamento e coerção, é assim que os corpos travestis adquirem uma condição performática (BUTLER, 1999) que ritualiza as transições corporais, os gestos, movimentos e normas de todo o tipo para interpelar a rigidez da norma hétero binária do sistema sexo-genérico. O corpo se constitui no veículo de enunciação do sujeito trans que constrói seu próprio sentido de realidade, através das modificações para ressignificar o corpo biológico e construir sua identidade na transição dos seus corpos e na instabilidade do gênero (BUTTLER, 1990). Os sujeitos travestis invadem os espaços públicos, as instituições midiáticas, educativas e de saúde para disputar o espaço simbólico e visibilizar seus corpos ressignificados de outras formas.

Na atualidade a população travesti faz uso dos dispositivos midiáticos e se apropria especialmente das redes sociais, para publicar seus corpos modificados e estabelecer relações sociais. Rompe o medo ao olhar e se expõe na virtualidade como uma maneira de proteção de sua integridade física. É no sistema midiático virtual em que geram fluxos e contrafluxos discursivos, constituindo-se a fotografia no principal recurso narrativo para ressignificar seus corpos modificados, produzidos e sensuais. Esses corpos difíceis de traduzir a linguagem verbal se cristalizam mediante um suporte

fotográfico, e são levados às diferentes plataformas, atribuindo ao corpo um papel de mediador entre as subjetividades e as materialidades, entre o sujeito travesti como produtor de sentido e os espectadores como receptores capazes de realizar operações de reconhecimento de marcas presentes na matéria significante denominada "corpo travesti".

O terceiro elemento deste complexo processo de produção de discurso e não menos importante entre a gramática de produção e de reconhecimento é a circulação que dá conta das interações entre a produção e a recepção para estabelecer zonas de contato que permitam fazer efetiva a semiose. De acordo com as maneiras que os sujeitos travestis produzem e colocam em circulação seus discursos corporais se pode fazer referência ao modelo de "circulação como terceiro", entendendo que "é o deslocamento do exame do ato comunicacional de uma problemática instrumental para aquela da dimensão discursiva (da enunciação) que vai oferecer os "insumos" da perspectiva do ângulo da complexidade" (FAUSTO NETO, 2010, p. 8). Nessa dinâmica, um dos objetivos da circulação de fotografias no Facebook, por exemplo, é estabelecer relações afetivas com os receptores para confirmar sua construção identitária sexo-genérica no reconhecimento e "aceitação" ou não de sua identidade.

A disputa de sentido desta população se encontra na confrontação do sistema de valores de gênero masculino-feminino no campo social através da circulação de corpos "anormais" no sistema midiático. Por isso é que o Facebook, o Instagram e o You Tube (apenas como exemplo de algumas ferramentas digitais que se encontram na internet), ao serem plataformas de uso "gratuito", permitem aos sujeitos colocar em circulação suas próprias representações por meio de produções fotográficas, audiovisuais e escritas para interagir tanto com a plataforma digital (meios de comunicação), como com outros indivíduos e/ou instituições, e intervir nas subjetividades dos outros, para assim, questionar o sistema binário sexo-genérico. Segundo Fausto Neto, "trata-se da ordem interdiscursiva onde a circulação se aloja - como terceiro - e se oferece como um novo lugar de produção, funcionamento e regulação de sentidos" (2010, p. 8).

A partir de nossas observações empíricas e do entendimento do processo de exposição e relação de algumas pessoas travestis com a rede social Facebook, podemos dizer que nem sempre a intenção é questionar o

Gênero, sexualidade e identidades

sistema, às vezes, é de estabelecer um circuito de fluxos interacionais que lhes permitam sentir parte do sistema social através da aceitação (ou não) dos seus modos de existir, e de estabelecer relações de amizade, casais, trabalho e família, que no espaço virtual tornam-se mais fáceis de gerir, porque os olhares recaem sobre o dispositivo fotográfico, e não diretamente sobre seus corpos, constituindo, assim, uma relação simbólica-afetiva.

É assim que, no processo de circulação produzido nas redes sociais, aquelas fotografias pessoais e familiares que antes pertenciam ao âmbito privado, agora são expostas no ambiente público e se ressignificam no complexo processo de produção-circulação-reconhecimento. Por sua parte, as organizações travestis também fazem uso dos recursos midiáticos como as redes sociais Facebook, Instagram e Twitter para visibilizar seus processos organizativos, promover direitos e denunciar violações a sua integridade e aos seus direitos. Como se pode observar, a população travesti está integrada às lógicas da sociedade midiaticizada, e interage a partir do campo social (em condições de populações periféricas) com respeito à centralidade do discurso hegemônico hétero binário apropriando-se de suas lógicas, ferramentas e dispositivos. Na atualidade a nanotecnologia também tem modificado os modos de produzir, circular e consumir informação. É assim que o aplicativo WhatsApp se converteu, entre a população travesti, em um mecanismo de informação, difusão e entretenimento. Por exemplo, a criação dos grupos de WhatsApp denominados de "Fórum LGBT", "Igualdade já", "Travestis, Justiça e Direitos", para citar alguns. Esses grupos se constituem uma ferramenta interpessoal que está gerando novos circuitos de circulação da informação através dos quais a sociedade civil interage com a sociedade civil, deslocando a mediação hegemônica que tinham os meios de comunicação canônicos sobre o processo informativo:

Com a midiaticização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade. Ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos – da ordem da oralidade presencial e da escrita em suas multiplataformas – continuem a definir padrões de comunicação, e lógicas inferenciais, que organizam a sociedade e suas tentativas, tais processos, em sua generalidade, se deslocam para modos mais complexos, envolvendo a diversidade crescente da midiaticização – o que é bem mais amplo e diferenciado do que referir simplesmente o uso dos meios. (BRAGA, 2012, p. 35).

As populações periféricas colocam em circulação seus conteúdos através de entornos digitais que vão tecendo redes complexas nas quais interagem não apenas conteúdos, mas também emoções, desejos, frustrações, organização social e ações militantes, dando, assim, não só um uso pessoal, mas recorrendo e entendendo as lógicas inferenciais para acionar processos organizativos muitas vezes débeis e, por essa razão, difíceis de identificar. Contudo, esses usos estão ressignificando tanto os aplicativos como os dispositivos tecnológicos. Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que na população travesti atravessada pela midiaticização, tanto por estar influenciada pelo sistema midiático, assim como pelo uso das lógicas e dos dispositivos, há indivíduos que se encontram fora deste sistema. Consideramos que, em princípio, se podem identificar duas razões fundamentais: por um lado, a falta de recursos econômicos para adquirir computadores, nano computadores, telefones e mais recursos tecnológicos de terceira e quarta geração, e/ou conexão com internet, assim como o desenvolvimento das capacidades informacionais que ultrapasse o simples uso instrumental das ferramentas tecnológicas, e se conecta à produção de pequenos textos, fotos e *gifs* animados, assim como à seleção, priorização e categorização de conteúdos de consumo pessoal, limitações que evidenciam muitas vezes a falta de acesso ao sistema educativo. Com isso queremos resgatar que no campo social interagem populações heterogêneas com diferentes níveis de midiaticização e de desenvolvimento de capacidades informacionais, o que torna complexo ainda mais o campo da comunicação e as instituições que compõem o sistema midiático.

2 A representação dos sujeitos trans no sistema midiático

Como havíamos indicado anteriormente, o discurso travesti é problemático para o sistema social “normalizado”, já que questiona a norma hétero binária. É um discurso que se constrói na transição, porque se está modificando e ressignificando de forma permanente. Constrói-se na contradição de questionar o poder normativo, e ao mesmo tempo representar as estéticas e comportamentos hiper feminizados de seus corpos e suas subjetividades de modos de feminilidade impostos através dos dispositivos

Gênero, sexualidade e identidades

de disciplinamento: meios de comunicação, família, escola, saúde, entre outros. Dentro desta dinâmica "muito singular", podemos observar que os sistemas midiáticos canônicos representam os corpos travestis como corpos "anormais e sofridos", corpos que não importam para a sociedade. Por isso, quando se produz uma notícia de homicídio de uma pessoa travesti, o espaço dedicado é mínimo e se evidencia a repetição permanente de modelos de discriminação, falta de respeito e apagamento. Como forma de exemplo, vamos tomar o caso do homicídio de Patrícia Tavares, que aconteceu em julho de 2016 em São Leopoldo, município do Rio Grande do Sul. A notícia⁶⁷ que foi publicada em 9 de julho de 2016 teve a seguinte manchete: "Travesti é morta a facadas e namorado é principal suspeito do crime". Entre vários elementos que chamam a atenção para esta notícia estão: o tamanho da foto quase do mesmo tamanho que o texto, o importante para o jornal é que se reconheça que é uma travesti, tal como está enunciado na manchete; não informam a idade, também não fala da sua ocupação; informam que o suspeito era seu namorado há quatro anos, mas em nenhum momento se fala do maltrato nem mesmo dentro da família. O que se menciona é: "A casa da vítima também funcionava como salão de cabeleireiro", além disso, não se informa nada mais do ocorrido, assim como a informação presente na manchete – "namorado é principal suspeito do crime" – deveria ter um tratamento de um ato similar a um "feminicídio", mas, por ser uma travesti o caso é relacionado mais a "briga de rua" que com uma problemática grave pela qual passam pessoas travestis. Conforme o nosso entendimento, a mídia tampouco faz um esforço de visibilizar o tema, simplesmente deixa noticiado em uma nota de um parágrafo.

O exemplo citado não é um caso isolado, a população travesti tem sido esvaziada de sentido como sujeitos políticos e privada de seus direitos cidadãos, o que a conduz a habitar espaços de violência sexual que chegam a mortes violentas em muitos dos casos; violências físicas, emocionais e simbólicas que recaem tanto nos corpos e subjetividade dessa população como na construção de imaginários das sociedades. Assim, por exemplo, segundo o Informe 2016 do Observatório de Pessoas Trans Assassinadas⁶⁸ –

⁶⁷ Publicada no site do notícias r7 com Rede Record, em 09/06/2016. Acesso pelo link: <https://noticias.r7.com/cidades/fotos/travesti-e-morta-a-facadas-e-namorado-e-principal-suspeito-do-crime-09062016#!/foto/1>.

⁶⁸ Relatório disponível em: <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol15-2016.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

TTM (siglas em inglês: Trans Murdering Monitoring Project), a região da América Latina e do Caribe concentra 78% dos homicídios relatados entre 2008 e 2016. Desta porcentagem já alarmante, apenas o Brasil é responsável por 39,6%⁶⁹ encabeçando a lista da região. Se bem que não podemos responsabilizar apenas o sistema midiático por esses acontecimentos fatais; é possível dizermos que ele também tem responsabilidade, já que o fato de colocar a problemática trans e travesti em condições de subalternidade e desigualdade reforça a existência de sujeitos marginalizados pelo sistema, além de reforçar preconceitos como: pessoas anormais, pessoas doentes que causam danos à sociedade, pessoas que devem ser eliminadas, porque são portadoras de HIV, entre outros.

Pensando nessa problematização que se desenvolve no campo social e que é abordada pelas instituições midiáticas através das lógicas comunicacionais, nos parece importante, neste ponto, convocar à midiáticação como *processualidades múltiplas*. Sob esta proposta, perguntamos quais são as formas que a mídia está representando a população travesti a partir de seus inúmeros processos tecno-comunicacionais que se veiculam através de rádio, imprensa, televisão e internet, já que, se os meios de comunicação têm a capacidade abrangente de influenciar os processos sociais, a problematização nos remete aos modos de representação que os sistemas midiáticos estão fazendo dos processos discursivos desses sujeitos, isto é, os papéis de referência na construção de um imaginário travesti na sociedade. Acreditamos que estamos muito distantes de que as lógicas dos meios de comunicação interajam em condições de igualdade com os campos sociais enquanto continuam existindo populações periféricas cuja produção de sentido é invisibilizada, anulando de alguma maneira essa rede significativa, conforme propõe Verón (1993).

Porém, não é assim determinante. As populações periféricas como as travestis interagem com as lógicas das mídias e estabelecem vínculos de recepção, colocando-se, as travestis, como receptoras dos conteúdos pautados pelos sistemas midiáticos. Estabelecem uma espécie de “contratos de leitura”

⁶⁹A estatística não fica por aí, dos 39,6% no Brasil se identificou que mais de 50% dos assassinatos é de pessoas com menos de 30 anos, assim, entre janeiro e junho de 2016, 57% tinham menos de 30 anos, e cerca de 15% menos de 20 anos. Informação obtida do Informe 2016 do Observatório de Pessoas Trans Assassinadas – TTM (siglas em inglês: Trans Murdering Monitoring Project).

Gênero, sexualidade e identidades

tácitos para se converterem em consumidoras do dispositivo televisivo, já que a imagem, os corpos em movimento e os corpos performáticos que apresentam nas telas são referenciais de sua própria *performatividade*. Os programas que mais assistem são telenovelas e *reality shows*, estes como espaços de espetacularização, estabelecendo vínculos de reconhecimento e identificação com sua cotidianidade. Os dispositivos rádio e jornal impresso não têm o mesmo efeito que a tela, porque nesses elas não estão representadas, ainda que nenhuma das interfaces midiáticas realizem produções específicas para população travesti. E isto devido a dois fatores básicos: uma, a quantidade de pessoas que não é representativa para as dinâmicas comerciais e a outra porque, ao serem marginalizadas nas economias, a capacidade de consumo não é interessante para o mercado na lógica de acumulação de capital. Além disso, as travestis se apropriam dos programas da televisão e fazem deles os espaços de entretenimento, informação e compreensão da realidade. Nos salões de beleza de travestis a tela está sempre ligada e não passa despercebida, é um ator mais na cena social do ambiente. Atualizam o contrato de leitura, no qual as pessoas aceitam o papel de receptores, estabelecendo zonas de identificação com as gramáticas de produção das telenovelas, *reality shows* e programas de espetáculo, especialmente programas ao vivo, que fazem referência às cotidianidades, que é onde geram o ponto de contato. Para as pesquisas de recepção se pode problematizar o consumo dos produtos televisivos pela população travesti entendendo que é um tipo de audiência que ainda se deixa influenciar pelas mensagens dos dispositivos midiáticos da indústria cultural sem desenvolver filtros de criticidade. Esta situação pode acontecer pelas dificuldades de acesso à educação, falta de desenvolvimento de competências comunicacionais, entre outras. A partir desta reflexão se propõe que os grupos sociais se encontram em diferentes fases de midiatisação, estabelecendo fluxos e contrafluxos com as instituições midiáticas condicionadas pela marginalização econômica, educativa, de classe e, inclusive, de representatividade.

A população travesti também está inserida numa realidade histórica, cultural, familiar e pessoal que determina os modos de relacionamento com os meios. Para aprofundar nesse relacionamento, propomos compreender a interação entre os sistemas midiáticos e os atores sociais através do que se tem posto em discussão do conceito de “zona de contato” (FAUSTO NETO,

2010, 2013) e as “zonas de interpenetração” (LUHMANN, 2005 *apud* FAUSTO NETO; SGORLA, 2013), “na qual se tecem contatos e interações entre a realidade midiática e os outros atores” (FAUSTO NETO; SGORLA, 2013). Conduzindo-nos à zona de contato como esse espaço do processo de produção da comunicação em que as instituições midiáticas e o campo social interagem em condições de itinerância, isto é, que não é uma ação estática. Pode ser entendida também como o sentimento de felicidade que está no ambiente, mas só se materializa em momentos específicos. É assim que a zona de contato pode ser veiculada através da gramática de produção, por exemplo, no caso da produção dos telejornais: quando o jornalista coloca na tela os problemas da comunidade mais imediatos, ele está procurando uma zona de contato por meio do imaginário do território, da cotidianidade. Telejornais como os da emissora Globo descentralizaram as coberturas para criar programas regionais que respondam às demandas e imaginários locais. Quando o receptor de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, escuta a notícia de que “as ruas do centro de Porto Alegre estão sendo arrumadas”, nesse momento, o receptor estabelece a zona de contato com o meio a nível visual, auditivo e experiencial, na gramática de reconhecimento, enquanto que o meio estabelece esta zona de contato antes mesmo, na gramática de produção, quando se pensava a pauta do dia. Então, é possível dizermos que mais do que ser uma zona itinerante e dinâmica, esta se encontra de maneira *assincrônica* entre os atores do processo de enunciação-recepção, pois a zona de contato pode operar no próprio discurso, como uma zona de convergência do sistema.

Quanto ao conceito de interpenetração, formulado por Luhmann (2009), poderíamos dizer que ele age como um influenciador entre campos, sistemas e instituições em termos de reciprocidade:

Não se trata de uma relação geral entre sistema e meio, mas sim de uma relação entre sistemas que pertencem reciprocamente um ao meio do outro. (...) Fala-se em penetração, quando um sistema disponibiliza a sua própria complexidade, para que outro se construa. (...) Assim, existe interpenetração, quando essa situação é recíproca. (...) Em caso de penetração, o comportamento do sistema penetrador está co-determinado pelo sistema receptor. (LUHMANN, 2009 *apud* FAUSTO NETO; SGORLA, 2013, p. 3)

Gênero, sexualidade e identidades

Além disso, é importante a diferença que Luhmann (2009) faz da interpenetração e da penetração, estabelecendo à primeira uma característica fundamental, que é a situação de reciprocidade em que se estabelecem diálogos, sistemas e instituições, campos que se influenciam entre si. Contudo, quanto à penetração, disponibiliza-se em uma direção e depende das demandas que o receptor propõe para estabelecer a dinâmica de intercâmbio, mas não em termos de reciprocidade necessariamente.

3 Para continuar com a reflexão

Neste percurso voltado para o sujeito travesti como sujeito periférico é possível reconhecer as marcas que uma sociedade midiaticizada deixa em populações com identidades diversas em situação de vulnerabilidade. Marcas tais como o poder do consumo da indústria cultural, a reprodução das estéticas comercializadas *hiperfeminizadas*, o uso de silicones e de cirurgias, e o disciplinamento dos corpos que permitem olhar o atravessamento das lógicas midiáticas sobre os sujeitos travesti. O papel do sujeito como consumidor dos produtos midiáticos, pode ser, entre outras razões, a necessidade de se pertencer a um sistema social que interage com o campo comunicacional e que reproduz as lógicas midiáticas.

Pensando a partir da semiose social de Verón (1993), é preciso reconhecer que o sujeito travesti constrói seu senso de realidade para dar passo a uma produção de discursos sofisticados que se materializam nas transgressões e transições dos corpos e na construção de uma identidade de gênero que dialoga com os feminismos e as masculinidades.

O lugar de enunciação dos sujeitos travestis é a periferia e desse lugar é que interpelam os discursos da centralidade em condições de marginalidade. Consomem os modelos padronizados de beleza impostos através das instituições midiáticas e procuram ficar o mais próximo possível dessa imagem, intervêm sobre seus corpos com maquiagem, vestuário, cabelo, com o uso de perucas e com sapatos de salto alto, entre outras. Esses são alguns dos modos com os quais a população trans constrói seu discurso.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas* [online], 2011, vol. 19, n.2, p. 549-559.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, María Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (Orgs). *Mediação & Mídiação*. Salvador: EDUFBA, 2012; Brasília: Compós, 2012, p. 31-52.
- _____. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: XV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade. *Anais [...]*. Bauru: PPGCOM UNESP / Compós, 2006, p. 1 - 16.
- BUTLER, Judith. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In: CASE, Sue-Ellen (Ed.). *Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990, p. 270-282.
- _____. *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la realidad*. Barcelona: Paidós, 1999.
- HJARVARD, Stig. Da Mediação à Mídiação: a institucionalização das novas mídias. *Parágrafo*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 51-62, jul./dez. 2015.
- FAUSTO NETO, Antônio; SGORLA, Fabiane. Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. XIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, GT Recepção: processos de interpretação, uso e consumo mediáticos. *Anais [...]*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- FAUSTO NETO, Antônio. Mídiação, prática social – prática de sentido. In: XV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Grupo de Trabalho Políticas e Estratégias de Comunicação. *Anais [...]*. Bauru: PPGCOM UNESP / Compós, 2006, p. 1 -15.
- _____. *A circulação além das bordas*. Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos Brasil y Argentina. Rosario: UNR, 2010, p. 2-17.
- VERÓN, Eliseo. *La semiosis social*. Fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1993.